

DANÇA NO DESENVOLVIMENTO DA COORDENAÇÃO MOTORA DE CRIANÇAS COM SÍNDROME DE DOWN: 6 A 7 ANOS.

SOARES, Débora Gonçalves¹

PIMENTA, Silvia Barbosa²

RESUMO

A dança no desenvolvimento da coordenação motora de crianças com Síndrome de Down. É uma condição genética que pode causar uma série de desafios no desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. A dança é reconhecida como uma atividade física que pode melhorar a coordenação motora, a autoestima, a socialização. O objetivo deste estudo foi demonstrar através da literatura a dança no desenvolvimento da coordenação motora do Síndrome de Down 6 a 7 anos. Foi realizada uma revisão narrativa de literatura na base de busca Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave: danças, síndrome de Down, desenvolvimento motor. Como critério de desenvolvimento motor de 6 a 7 anos para a busca dos artigos. Foram selecionados artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais que respeitassem o período de publicação de 1998 a 2022, bem como artigos publicados na língua portuguesa e inglesa. Foram excluídos os artigos que estivessem fora do período escolhido. Conclui-se com o estudo, A dança é uma atividade física que apresenta ampla aplicabilidade no desenvolvimento do sistema locomotor em indivíduos com Síndrome de Down. A prática regular pode contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e social desses indivíduos, além de auxiliar no tratamento de problemas ortopédicos e promoção da saúde.

PALAVRAS-CHAVE: Dança; Síndrome de Down; Coordenação Motora.

1 INTRODUÇÃO

Hoje já se conhece muito sobre diversas síndromes genéticas que abordam os seres humanos. A ciência deu um avanço gigantesco no diagnóstico, reconhecimento mais rápido, criou-se diversos protocolos com padrões pré-determinados das síndromes, margeando seu comportamento físico e psicológico, norteados por anos de estudo, aprendizado através das convivências e experimentos diretos com os portadores e seus gestores.

¹ Aluna do curso de Bacharel em Educação Física das Faculdades Integradas de Avaré – FIRA – Avaré – SP. E-mail: debora_soares_2010@hotmail.com

² Professora Orientadora do curso de Bacharel em Educação Física das Faculdades Integradas de Avaré – FIRA – Avaré – SP. E-mail: silvia.pimenta@hotmail.com

A ciência já investigou e reconheceu inúmeras síndromes, foi pouco comentado sobre a síndrome de Down, o verdadeiro significado de síndrome, nada mais é conjunto de sinais e sintomas por uma causa, ao qual iremos relatar aqui é por conta dos cromossomos 21 que o DNA se divide e tem mais material genético. De 600 bebês que nascem um é portador. John Langdon Down nasceu na Inglaterra e foi o primeiro a descrever e estudar a síndrome e quebrar os conceitos e preconceitos por esse motivo patenteou a trissomia 21 com o seu nome.

No Brasil, não há dados atualizados sobre o número exato de casos de síndrome de Down. No entanto, de acordo com a estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS), a síndrome de Down ocorre em cerca de 1 em cada 700 nascimentos em todo o mundo. Como no Brasil tem população de mais de 200 milhões de pessoas, é bem provável que tenha muitas pessoas com síndrome de Down no país.

Através da dança na faixa etária de 6 a 7 anos tem como forma de expressão corporal, ou seja, conhecer o corpo humano se divertindo, com o Down não é diferente. Eles também têm curiosidade e interesses.

Embasado nesse contexto, levantou-se as seguintes indagações: aplicar a prática da dança em forma de desenvolvimento com o Down com relevância na faixa etária de 6 a 7 anos? Dê acordo com a realidade de cada síndrome de Down é possível desenvolver a parte locomotora por meio da dança? Conveniente ampliar e tornar a dança mais conhecida no espaço de desenvolvimento motor? Como a sociedade poderia aceitar melhor a prática dessa modalidade e utilizar como forma de reabilitação e desenvolvimento e quebrar possíveis preconceitos? Essas e entre outras questões serão abordados e esclarecidas no decorrer do trabalho.

A dança tem o poder de expressão de movimentos, pode-se passar o que estar sentindo através dessa modalidade ou seja é uma das formas de expressão e de diversão na faixa etária abordada. Com a síndrome de Down não é diferente pois uma grande parte dos portadores tendem a serem alegres por natureza, e conseqüentemente um interesse pela música pode surgir. Dessa forma vem as curiosidades do corpo humano. Conciliando a isso pode realizar uma forma de desenvolvimento locomotor deles.

O objetivo deste estudo foi demonstrar através da literatura a dança no desenvolvimento da coordenação motora da síndrome de Down 6 a 7 anos.

A aceitação das pessoas com síndrome de Down nas mídias e na sociedade em geral, tem um movimento crescente nos últimos anos para promover a inclusão e a diversidade. Isso inclui a representação positiva de pessoas com síndrome de Down em programas de TV, filmes e

outras mídias. Assim sendo, ainda há muito trabalho a ser feito para garantir que todas as pessoas com deficiência sejam tratadas com dessemelhança e respeito. A conscientização e a educação são fundamentais para promover a inclusão e combater o preconceito e a discriminação.

A Síndrome de Down (SD) é uma desordem cromossômica caracterizada pela trissomia do cromossomo 21. O Down apresenta hipotonia muscular generalizada como uma característica frequente, que interfere na coordenação dos movimentos e reações posturais que levam a alterações de equilíbrio, acompanhada de retardo mental que infere no desenvolvimento neuropsicomotor (DNPM) (DEFILIPO et al., 2015; SOUZA et al., 2015).

As vivências dessas crianças é fundamental principalmente na fase, e com a dança se tornou muito conhecida pela sociedade, sendo uma das formas mais original e primordial de comunicação e expressão entre o ser humano. Nesse sentido, faz-se necessária uma observação, pois há dança em diversos lugares, diversas áreas e com objetivos distintos, onde elas apresentam diferentes peculiaridades conforme os locais em que são vivenciadas. A dança é uma das formas mais antigas e universais de arte e comunicação humana, capaz de transcender as barreiras culturais e linguísticas e de despertar emoções e sensações que muitas vezes não conseguimos expressar com palavras. (Fonte: GIL, José. Movimento total: o corpo e a dança. São Paulo: Ática, 1998, p. 7.)

Como Down muitas vezes tem dificuldade com o desenvolvimento motor e cognitivo através dessa modalidade ele conseguiu conhecer o seu corpo e desenvolver cada vez mais e o melhor se divertindo. “É sempre bom lembrar que a dança como qualquer outra atividade física deve estar inserida dentro do programa global de intervenção sobre os fatores de risco, a avaliação médica e atividade física deve ser realizada em ambiente supervisionado por profissional de saúde, apto a monitorar a frequência cardíaca pressão arterial e sintomas” (MIRANDA apud CHIARION, 2008).

Diante desse contexto, foi realizada uma revisão narrativa de literatura na base de busca Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave: danças, síndrome de Down, desenvolvimento motor. Como critério de desenvolvimento motor de 6 a 7 anos para a busca dos artigos. Foram selecionados artigos científicos publicados em periódicos nacionais e internacionais que respeitassem o período de publicação de 1998 a 2022, bem como artigos publicados na língua portuguesa e inglesa. Foram excluídos os artigos que estivessem fora do período escolhido (RICHARDSON, 2007).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 SINDROME DE DOWN

Alguns relatos sobre mulheres que se tornaram mães depois dos 31 anos, indicam uma maior probabilidade de a criança nascer com Down, porém não é algo generalizado pois existem diversos fatores que devem ser levados em consideração, um deles é a hereditariedade. Hoje, no século XXI pode ser descoberto durante a gestação, através de exames o que pode ajudar os pais a se preparem com antecedência do nascimento do bebê.

O risco de ter um filho com Síndrome de Down aumenta com a idade materna, principalmente após os 35 anos, sendo que mulheres que engravidam aos 31 anos possuem uma probabilidade 1,6 vezes maior de terem um filho com essa síndrome do que mulheres com idade inferior a 30 anos. (SANTOS et al., 2021, p. 50).

A Síndrome de Down, também conhecida como Trissomia do 21, é uma condição genética que ocorre devido à presença de um cromossomo extra no par de cromossomos número 21. Essa alteração genética afeta o desenvolvimento físico e cognitivo da pessoa, resultando em características específicas e uma ampla variedade de desafios e habilidades.

As crianças com Síndrome de Down frequentemente apresentam algumas características físicas distintas, embora a expressão dessas características possa variar. Alguns exemplos comuns incluem olhos amendoados com dobras epifânicas, uma ponte nasal achatada, orelhas pequenas e ligeiramente dobradas, boca pequena com língua protusa e uma prega de pele adicional no pescoço. Além disso, podem ter menor tônus muscular, mãos curtas com uma única dobra palmar transversal e uma estatura geralmente menor.

Habilidades cognitivas das pessoas com Síndrome de Down são altamente variáveis, mas geralmente há atrasos no desenvolvimento intelectual. No entanto, é importante ressaltar que cada pessoa é única e desenvolve habilidades e capacidades individuais. O grau de atraso intelectual pode variar de leve a moderado. Além disso, as pessoas com Síndrome de Down podem enfrentar desafios na linguagem, memória, atenção e habilidades de aprendizado, mas também possuem pontos fortes em áreas como habilidades sociais, musicais e motoras.

Portadores com Síndrome de Down têm uma maior probabilidade de desenvolver certas condições médicas ao longo da vida. Algumas das mais comuns incluem: problemas cardíacos congênitos: cerca de metade dos bebês com Síndrome de Down apresenta algum tipo de anomalia cardíaca, variando de leves a graves. Problemas de audição e visão: podem ocorrer

perda auditiva e de visão, como catarata, estrabismo e dificuldades de focalização. Tireoide: alterações na função da tireoide são comuns em pessoas com Síndrome de Down, sendo necessária monitorização e tratamento adequado. Gastrointestinais: podem apresentar doenças do trato gastrointestinal, como refluxo gastroesofágico e doença celíaca. Susceptibilidade a infecções respiratórias: infecções como pneumonia são mais comuns devido a diferenças anatômicas e imunológicas. Aumento do risco de leucemia: têm aumentado de desenvolver leucemia mieloide aguda.

A inclusão e o suporte adequado são fundamentais para promover o bem-estar e o desenvolvimento pleno de pessoas com Síndrome de Down. Isso inclui educação inclusiva, que busca proporcionar um ambiente de aprendizado adequado e adaptado às necessidades individuais, além de promover a interação com seus pais. Também é importante oferecer intervenções médicas e terapêuticas precoces, como fisioterapia, terapia ocupacional, fonoaudiologia e apoio psicológico, visando melhorar habilidades motoras, de comunicação e desenvolvimento emocional.

Além disso, é relevante fornecer suporte social e emocional às famílias, oferecendo informações, orientação e acesso a grupos de apoio. A promoção da inclusão no mercado de trabalho também desempenha um papel significativo na autonomia e na qualidade de vida das pessoas com Síndrome de Down, permitindo que elas contribuam para a sociedade e alcancem seu potencial máximo.

É importante ressaltar que cada pessoa com Síndrome de Down é única, com habilidades, interesses e personalidades individuais. Ao adotar uma abordagem centrada na pessoa, é possível fornecer suporte adequado, promover a inclusão e criar um ambiente que valorize a diversidade e a igualdade de oportunidades para todos.

2.2 DANÇA, SEU DESENVOLVIMENTO FÍSICO E COGNITIVO

A dança para os primitivos surgiu em maneira de agradecimento, momentos religiosos, eles assimilavam a modalidade como comemoração festiva, paz, entre outros aspectos importantes para suas vidas.

Como todas as formas de organização social, a dança, sofreu mudanças com os tempos, modificando a cultura e os fundamentos de como ser praticada, e com isso se tornou mais ampla e mais praticada.

Diante desse contexto, cabe ressaltar que no século XIX, três grandes dançarinos revolucionaram o mundo da dança, de acordo com Nanni (2008), destaca-se, Jacques Dalcrose, que criou o método chamado “Euritmia”, que propiciava aos alunos liberdade de criação; Isadora Duncan, que foi a autora da dança impressionista, ou seja, as movimentações partiam do interior de cada ser e Rudolf Laban, que usou o método de interdisciplinaridade, ou seja, integrou a dança a outras artes, englobando a emoção, sensibilidade, criatividade e expressão global do corpo, tornando-se o foco central.

Ainda a mesma autora, relata que com o passar dos tempos, assim fizeram com que todos pudessem vivenciar a dança independente, da classe social, etnia e gênero.

A unidade temática de Educação Física explora o conjunto das práticas corporais caracterizadas por movimentos rítmicos, organizados em passos e evoluções específicas, muitas vezes também integradas a coreografias (COSTA, 2020).

Nessa faixa etária podemos afligir os gestos o desenvolvimento motor dos alunos ampliando a coordenação motora fina, grossa, desenvolvimento de lateralidade, orientação espacial e temporal. Decorrente disso também é enfatizado a cognição, como: memória, melhora de humor, concentração etc. E fazer isso por intermédio de brincadeiras lúdicas, rodas cantadas, improvisando uma junção de aprender se divertindo.

A música é a grande aliada, a dança pode se mostrar uma ferramenta ainda mais benéfica. Um estudo comparou pessoas com Síndrome de Down e pessoas com idade mental correspondente. Os programas de treinamento baseados em música, quando adequados para estimular a integração sensório-motora, são uma possível abordagem para promover habilidade de equilíbrio (CHEN et al., 2019).

2.3 APLICABILIDADE DA DANÇA COM O SÍNDROME DE DOWN DESENVOLVENDO O LOCOMOTOR.

A Síndrome de Down é uma condição genética que afeta o desenvolvimento físico e intelectual das pessoas. Uma das áreas em que a dança tem mostrado grande aplicabilidade é no desenvolvimento do sistema locomotor em indivíduos com Síndrome de Down.

Segundo Santos e col. (2016), a prática da dança tem sido apontada como uma ferramenta importante para o desenvolvimento físico e social de pessoas com deficiência, em especial daquelas com Síndrome de Down. A dança pode auxiliar no desenvolvimento de habilidades motoras, como coordenação, equilíbrio e flexibilidade.

De acordo com Souza e col. (2015), a dança pode ser utilizada como uma forma de intervenção terapêutica, auxiliando no tratamento de problemas ortopédicos, como desvios posturais, hiperlordose e escoliose. Além disso, a dança pode contribuir para a melhora da autoestima e autoconfiança dos indivíduos com Síndrome de Down.

Como na faixa etária de 6 a 7 anos o motor ainda está se desenvolvendo facilita muito para melhorar e desenvolver o seu Down. Pois eles têm muita curiosidade e a aceitação para trabalhar com eles são mais maleáveis.

Outro estudo realizado por Santos e col. (2019) apontou que a prática da dança pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo dos indivíduos com Síndrome de Down, melhorando sua capacidade de atenção, memória e aprendizado.

Entretendo também podemos despertar o imaginário deles, ou seja, fazê-lo criar um mundo através da dança, ou seja, ao estimular e reunir a percepção, sensibilidade, liberação das emoções e a criatividade, transforma o movimento em veículo de expressão.

Como Kirschbaum e col. (2018), a dança pode ser utilizada como uma forma de atividade física, auxiliando na promoção da saúde e prevenção de doenças associadas à inatividade física, como obesidade e doenças cardiovasculares.

Assim sendo, a aplicabilidade da dança no desenvolvimento do sistema locomotor em indivíduos com Síndrome de Down tem sido amplamente reconhecida pela comunidade científica. A dança pode contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e social desses indivíduos, além de auxiliar no tratamento de problemas ortopédicos e promoção da saúde.

3 CONCLUSÃO

Conclui-se com o estudo, que a dança é uma atividade física que apresenta ampla aplicabilidade no desenvolvimento do sistema locomotor em indivíduos com Síndrome de Down.

A prática regular da dança pode contribuir para o desenvolvimento motor, cognitivo e social desses indivíduos, além de auxiliar no tratamento de problemas ortopédicos e promoção da saúde. Portanto, é importante que profissionais da área da saúde e da educação incentivem a prática da dança em indivíduos com Síndrome de Down, visando a melhora da qualidade de vida e bem-estar dessas pessoas.

REFERÊNCIAS

- CHEN, C. C. J. J. et al. **Examination of participation and performance of dancing movement in individuals with Down syndrome.** *International Journal of Developmental Disabilities, Mississippi*, v. 65, n. 1, p. 58-63, 2019.
- DEFILIPO ÉC, et al. Opportunities in the home environment for motor development. *Rev. Saúde Pública*. 2015; 46(4):633-41
- GABBARD, C.; RODRIGUES, L. P. Physical activity and movement disorders in children with Down syndrome. In: YOGMAN, M. W.; STROUD, L. R. (Ed.). *Affective development and socialization processes: contemporary applications of attachment theory*. New York: Lawrence Erlbaum Associates, 2005. p. 135-152.
- GIL, José. *Movimento total: o corpo e a dança*. São Paulo: Ática, 1998. 128p
- LOPES, G. A. et al. **Diagnóstico citogenético e molecular de uma amostra de pacientes com suspeita de síndrome de Down.** *Revista Brasileira de Análises Clínicas*, v. 51, n. 1, p. 82-87, 2019.
- MASSÓ-ORTIGOSA, N. et al. **Electromyographic analysis of ankle muscles in young adults with Down syndrome before and after the implementation of a physical activity programme based on dance.** *Apunts Medicina de l'Esport, Barcelona*, v. 53, n. 198, p. 63-73, 2018.
- MCGUIRE, M. et al. **Adapted Dance Improves Motor Abilities and Participation in Children with Down Syndrome: A Pilot Study.** *Pediatric Physical Therapy, Ohio*, v. 31, n. 1, p. 76-82, 2019.
- MOREIRA, Lilia M.A; EL-HANI, CHABEL N; GUSMÃO, Fábio A.F. A síndrome de Down e sua patogênese :considerações sobre o determinismo genético. *Rev. Bras. Psiquiatr.* V.22n.2 p 96-99, jun. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbp/v22n2/a11v22n2.pdf>> Acesso em: 2008.
- NANNI, D. **Dança Educação pré-escola à universidade**. 5 ed. Rio de Janeiro: Sprint, 2008.
- REINDERS, N.; BRYDEN, P. J.; FLETCHER, P. C. **Dancing with Down syndrome: a phenomenological case study.** *Research in Dance Education, Canada*, v. 16, n. 3, p. 291-307, 2015.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2007
- SCHWARTZAMAN, J. S. et al. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie, 1999.
- SANTOS, A. A. N. DOS; FILHO, I. A. T. V.; PONCE, R. DE F. **Atividade da dança como linguagem corporal e o desenvolvimento da memória em crianças com síndrome de Down.** *Revista Eletrônica Gestão & Saúde, Presidente Prudente*, v. 1, n. 1, p. 634-648, 2013.

SANTOS, A. F. et al. **Síndrome de Down: aspectos genéticos, clínicos e sociais**. Revista de Ciências Médicas e Biológicas, v. 20, n. 1, p. 45-54, 2021.

SANTOS, R. F. DOS; GUTIERREZ, G. L.; ROBLE, O. J. **Dança para pessoas com deficiência: um possível elemento de transformação pessoal e social**. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 41, n. 3, p. 271-276, 2019.

TAIOQUI, O. C. A. et al **Influência da dança na coordenação motora e cognitiva da criança: 3 ed.** Faculdade Integradas Regionais de Avaré- Faculdade Fira: Avaré-SP, 2020.